



## ESPELHO, ESPELHO MEU EXISTE ALGUÉM MAIS BELA DO QUE EU?

Ana Thiena Apoliano Gomes da Silva; Francisca Lopes de Souza

Instituto Superior de Teologia Aplicada – INTA [thienaapoliano@gmail.com](mailto:thienaapoliano@gmail.com); [fran.lopesdesouza@gmail.com](mailto:fran.lopesdesouza@gmail.com)

**RESUMO:** A intervenção que resultou neste relato de experiência foi realizada no Centro de Referência para População em Situação de Rua – Centro POP de Sobral, e teve como objetivo contribuir para o fortalecimento da autoestima das mulheres em situação de rua de Sobral. As técnicas utilizadas foram rodas de conversa e sessão fotográfica, ocasião em que as mesmas recebiam adereços, maquiagem para o momento da fotografia e, ao final, a entrega da foto revelada mediada por um momento de reflexão sobre vaidade, beleza, aparência e autoestima. Participaram cerca de oito mulheres. A intervenção evidenciou a necessidade de fortalecer e aprimorar as ações voltadas para o público feminino na instituição, considerando suas particularidades, seus modos de vida e a questão de gênero, pois em geral, as atividades são generalistas e quase sempre abordam temáticas escolhidas pela equipe técnica do Centro POP. Esta intervenção permitiu a inferência que as mulheres em situação de rua necessitam de ações que ajudem no resgate de suas identidades como pessoas e cidadãs. A autoestima é uma temática importante a ser trabalhada nas ações do Centro POP, pois influi nas relações dos usuários com as pessoas que ele convive e até mesmo com as drogas, já que eles comentam que quanto mais tristes, mais usam crack. A interferência da aparência e da autoestima nas relações com a família fica explícita quando os moradores de rua deixam de visitar seus familiares por estarem, segundo julgamento próprio, com uma má aparência.

**Palavras-chave:** Centro POP, autoestima, mulher em situação de rua.

**INTRODUÇÃO:** O interesse em pesquisar sobre mulheres em situação de rua<sup>1</sup> foi pensado a partir das vivências no período de estágio supervisionado do curso de graduação em Serviço Social das Faculdades INTA em Sobral-CE<sup>2</sup>. No 6º semestre do curso, existe a primeira disciplina de estágio,

<sup>1</sup> Definida como grupo populacional heterogêneo, que tem em comum a pobreza, os vínculos familiares rompidos sem moradia convencional regular e tendo a rua como o espaço de moradia e sustento (BRASIL, 2008).

<sup>2</sup> Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 2006, a cidade de Sobral tem uma população de 175.814 habitantes e está situada na região Norte do Ceará, a 235 quilômetros de Fortaleza ([http://www.sobral.ce.gov.br/site\\_novo/index.php/a-cidade/historia](http://www.sobral.ce.gov.br/site_novo/index.php/a-cidade/historia), acesso em 27/11/2015 às 16:00horas).

o que considero um marco na minha formação, a situação era de angústia e ansiedade, para confrontar a teoria e a prática. Reconheci o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – Centro POP<sup>3</sup>, como uma opção de estágio e lá foi onde tive contato com as políticas públicas para população em situação

<sup>3</sup> O Centro Pop é um espaço de referência para o convívio grupal, social e o desenvolvimento de relações de solidariedade, afetividade e respeito. Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua, proporcionar vivências para o alcance da autonomia e estimular, a organização, a mobilização e a participação social (BRASIL, Resoluções CIT 2011 e CIT 2013).



de Rua, sendo fundamental para elaboração deste relato de experiência.

Segundo a Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua (BRASIL, 2007), o Brasil conta hoje com 31.922 moradores de rua, sendo a grande maioria do sexo masculino, com nível de escolaridade baixo, e com diferentes motivos que influenciaram a moradia nas ruas, estando o uso abusivo de drogas como o principal deles.

A contextualização histórica sobre o fenômeno que permeia a vida da população em situação de rua no Brasil, esclarecendo que o país, no período anterior ao Império<sup>4</sup>, a população de rua era criminalizada, associada com vadiagem e sujeira, então a maioria da população buscava proteção e distância das pessoas que formavam esse grupo (BRASIL, Código Criminal do Império, 1830 e BRASIL, Código Penal da República, 1890). A população em situação de rua é vista como poluída, doente e sujo, como explica Douglas (1966), a impureza é algo que está fora dos padrões, fora do seu lugar e que confunde nossa classificação de ordem e desordem social.

Com o objetivo de enquadrar o sujeito em uma ordem social, já que segundo a mesma autora afirma que o corpo humano é o

<sup>4</sup> O período do Brasil Império teve início em 1822, com a proclamação da Independência, e durou até 1889, quando foi instaurada a República (BRASIL, 2009).

símbolo da sociedade, surgem formas de amenizar essa impureza, como por exemplo, as políticas públicas.

Aqui eu estou em “plena luta” e a vida é um combate entre estranhos. Estou também sujeito às leis impessoais do mercado e da cidadania que frequentemente dizem que eu “não sou ninguém”. Fico, então, à mercê de quem quer que esteja manipulando a ordem social naquele momento. (...) No mundo da rua sou um subcidadão, já que as regras universais da cidadania sempre me definem por minhas determinações negativas: pelos meus deveres e obrigações, pela lógica do “não pode” e do “não deve” (DAMATTA, 1997, p. 92).

Instituída pelo Decreto 7.053 do dia 23 de dezembro do ano de 2009, a Política Nacional para População em Situação de Rua passa a reconhecer a atenção a esta população no âmbito do Sistema Único da Assistência Social – SUAS (BRASIL, 2009). O Centro POP é uma unidade pública estatal que realiza atendimento especializado para a população de rua, na perspectiva de efetivar direitos, fortalecer autonomia e potencialidades reconhecendo a heterogeneidade dessa população.

O cenário da intervenção é o Centro POP de Sobral, local onde fui afetada pelos modos de vida das mulheres que moram na



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

rua. A realidade institucional me impulsionava a relacionar teoria e prática no universo que arrebatou meu olhar direcionado as mulheres em situação de rua que eram acompanhadas pelo Centro Pop. Diariamente vivia situações diferentes, peculiares e particulares, naquela instituição fui conhecendo mulheres, jovens e idosas, marcadas por violências, alegrias, exclusões, conflitos e que demonstravam principalmente serem livres considerando que muitas delas relatam que um dos principais motivos de morarem nas ruas é ter liberdade para terem comportamentos que em uma casa, seguindo normas, não seria possível. Essa liberdade não é completa se considerarmos que na rua existe toda uma territorialização, ou seja, disputa por espaços, violência, concorrência para conseguir atividades geradoras de renda, dentre outros motivos. O sentimento que aquelas mulheres transmitiam era coragem, beleza, vaidade, cuidado e força, sentimento este que ao mesmo tempo perpassava minha própria condição de ser mulher.

As mulheres atendidas pelo Centro POP tentavam manter-se arrumadas, tinham cuidados com o corpo e preocupação com os cabelos, percebi então premência em apreender sobre a figura e os modos de vida das mulheres em situação de rua de Sobral. Ao observar os hábitos das mulheres atendidas pelo Centro POP, percebi a

importância de realizar um projeto de intervenção que valorizasse a auto estima, trouxesse uma reflexão acerca do que é beleza e se existe um padrão de beleza.

A primeira mulher em situação de rua que tive contato estava penteando os cabelos e maquiando o rosto, ela é uma pedagoga que acabou indo morar nas ruas devido ao uso de substâncias psicoativas. Então, dirigiu o olhar para mim, e perguntou “Tô bonita fia? Vou ver meus meninos. O pai deles leva eles para brincar no Arco<sup>5</sup> e eu fico de longe só olhando.” Aquilo aumentou meu interesse em compreender as situações que envolvem a vida dessas mulheres. Mesmo quando eu estava fora da instituição, me debruçava às observações nas ruas, praças, mercados e becos de Sobral, onde se agrupam e convivem mulheres em situação de rua.

Entregava-me a descoberta e inquietudes que o olhar me causava, compreendendo a utilização do espaço, as relações sociais e os comportamentos destas. Perceber os significados subjetivos de morar nas ruas requer sensibilidade e sutileza de alguém que sempre morou em uma casa. Há também quem diga que uma calçada se faz casa, se faz morada. Imersa neste contexto, realizei o projeto de intervenção “*Espelho*,

---

<sup>5</sup> Arco do Triunfo: Monumento histórico da cidade de Sobral, local público onde se concentram pessoas de diversas faixas etárias para práticas de lazer e descontração.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

*espelho meu! Existe alguém mais bela do que eu?*”, com objetivo geral o fortalecimento da autoestima das mulheres atendidas pelo Centro POP de Sobral.

**METODOLOGIA:** O estágio supervisionado em Serviço Social é referenciado pela lei 8.662/1993, que regulamenta a profissão e os onze princípios do Código de ética que indicam o rumo ético-político a serem efetivados pela categoria profissional (CFESS – Conselho Federal de Serviço Social, 1993). No projeto de intervenção que resultou neste relato de experiência foi utilizada a abordagem qualitativa, que não se atém a representatividade numérica, mas sim com a profundidade na compreensão das ações de um grupo social (GOLDENBERG, 1997). Para que o objetivo geral fosse alcançado, foram realizadas as intervenções a seguir:

No primeiro momento foi realizada a apresentação do projeto de intervenção a equipe técnica do Centro POP, com participação dos profissionais sendo aberto o momento para sugestões e avaliação.

Posteriormente, foi executada uma roda de conversa com as mulheres em situação de rua onde foram abordados os assuntos: estética, vaidade, autoestima, beleza e etc. Neste momento, foram exibidas as fotos do projeto “Kamuflados” (um projeto social que busca dar visibilidade a moradores de rua utilizando fotografias dos mesmos) e foi

realizada uma conversa sobre o que nos transmite aquelas fotos seguindo as perguntas norteadoras: eu me reconheço nas fotos? Eu sou diferente das pessoas daquelas fotos? Todos tem uma beleza igual? Existe uma beleza padrão? Eu sou bonita? Eu estou bonita? Aos olhos de quem eu sou bonita?

A materialização dos momentos anteriores foi possível através de uma sessão fotográfica das mulheres em situação de rua no próprio Centro POP, na ocasião foram disponibilizados adereços, maquiagens e acessórios. O momento de encerramento contou com a entrega das fotos reveladas no tamanho 20x25, reflexão e avaliação do projeto “*Espelho, espelho meu! Existe alguém mais bela do que eu?*”.

**Resultados e Discussão:** Para o desdobramento desta pesquisa, é importante pontuar três categorias: população em vaidade, população em situação e mulher. As três estão ligadas e relacionadas entre si. Sobre vaidade podemos citar a historiadora e escritora Mary Del Priore que afirma “*a história das mulheres passa pela história de seus corpos*”, ou seja, a vaidade, o corpo de uma mulher e seus fascínios não são novidades. A autora ainda acrescenta comentando que no Brasil Colônia a mulher tinha suas formas de pensar e agir cristalizadas por uma sociedade masculina, isso interferia nas formas do corpo feminino

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

que refletia apenas subordinação. A vaidade e o corpo feminino vêm sendo estudado ao longo da história por antropólogos, cientistas sociais, assistentes sociais e outros. Ainda sobre o corpo o autor Françoise Dolto comenta:

“A imagem do corpo, em contrapartida, é peculiar a cada um: está ligada ao sujeito e à sua história. Ela é específica de um tipo de relação libidinal. A imagem do corpo é a síntese viva de nossas experiências. Ela pode ser considerada como a encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante. A imagem do corpo é, a cada momento, memória inconsciente de todo o vivido relacional e, ao mesmo tempo, ela é atual, viva, em situação dinâmica, simultaneamente narcísica e inter-relacional: camuflável ou atualizável na relação aqui e agora, por qualquer expressão linguareira, desenho, modelagem, invenção musical, plástica, assim como mímica e gestos. É graças à nossa imagem do corpo sustentada por – e que se cruza com – nosso esquema corporal que podemos entrar em comunicação com outrem.” (DOLTO, 1984, p.14-15)

A autora Mary Del Priore faz uma explanação sobre a beleza feminina e como ela é tratada no fragmento a seguir:

Enquanto poetas e viajantes despiam o que a sociedade cobria, uma rede de objetos, matérias, cores e dores buscava

transformar o corpo feminino. Dissimular, apagar, substituir as imperfeições graças ao uso de pós, perucas, unguentos, espartilhos e tecidos volumosos era comum. A pele azeitonada, a robustez física, as feições delicadas e a longa cabeleira passavam por processos feitos de bens e serviços, utensílios e técnicas, usos e costumes capazes de traduzir gostos e rejeição, preceitos e interditos. [...] A cosmética evoluía (DEL PRIORE, 2000, p. 23).

Para nos falarmos da categoria população em situação de rua, é importante citar o que os autores comentam sobre características dessa população. De acordo com Simões Júnior (1992, p. 19-20), desde a antiguidade, já eram registrados grupos habitando as ruas e vivendo quase que exclusivamente da mendicância. Este fenômeno têm várias conotações ao longo da história, mas sempre está relacionado com a exclusão e com o espaço urbano.

Snow e Anderson (1998, p. 77) afirmam que as relações sociais dos moradores de rua representam uma subcultura limitada ou incompleta, formando um “mundo social” que não é criado ou escolhido pelas pessoas que moram nas ruas, mas pela qual foram empurradas por circunstâncias alheias ao seu controle. Podemos concluir que as pessoas em situação de rua estão nas ruas por diferentes motivos, formando um grupo heterogêneo e



que é consequência de um processo de exclusão social no Brasil.

Para Castel (1997, p. 28-29), a rua é a opção que resta aos denominados por ele como “sobrantes” que são pessoas normais, mas inválidas pela conjuntura, como consequência das exigências de competitividade e da redução de oportunidades de emprego, fatores que constituem a situação atual, na qual não há oportunidade para todos na sociedade.

Vieira, Bezerra e Rosa (1994, p. 93-95), afirmam que existem três tipos de pessoas em situação de rua. As pessoas que ficam na rua, que são aquelas que geralmente estão sem empregos ou chegaram a uma nova cidade em busca de parentes ou trabalhos e ocupam albergues, rodoviárias e etc. As pessoas que estão na rua, que são aquelas que já são acostumados com a situação de rua, já conhecem as normas locais, tem vínculos com outras pessoas na sua mesma situação e fazem atividades geradoras de renda como flanelinhas, descarregadores de caminhões e catadores de material reciclável. E por fim, as pessoas que são da rua, são as pessoas que já estão na rua a muitos anos e que desenvolveram algum tipo de deficiência mental, dependência química ou é debilitado fisicamente.

Analisando pelo ponto de vista de gênero, Tiene (2004, p. 19) trata a questão especialmente abordando a diferença que é para as mulheres estarem no espaço público da rua, em contraste com o ambiente a que estão acostumadas e para o qual foram socializadas, em local doméstico e protetor. Já para os homens, estar na rua é também frequentar o espaço público, onde foram acostumados a conviver e buscar a sobrevivência.

O campo de estudo do gênero surgiu com o movimento das mulheres. Aqui utiliza-se o conceito de gênero formulado por Joan Scott (1990), que o entende como um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo assim uma construção social e histórica. Faz-se, portanto, uma análise do conceito e da categoria gênero no campo das ciências humanas e sociais para as quais o conceito de gênero se refere à construção social do sexo anatômico ou o que se diz a partir das diferenças percebidas entre os sexos. Neste contexto podemos afirmar que estudar população de rua a partir do conceito de gênero é estudar como se constroem as relações entre as pessoas sejam elas do mesmo sexo ou de sexo diferentes.

De acordo com teorias recentes a respeito do corpo, Frangella (2009) comenta que este ao mesmo tempo em que é algo



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

físico é também simbólico, político e social, que se constrói na relação com outros corpos na e com a dimensão espacial e social das ruas da cidade. Sendo nos seus deslocamentos pelas ruas da cidade que os moradores de rua afirmam sua existência, expressam subjetividades, sob a marca da doença, deficiência e estigmatização. A autora ainda ensina que para se estudar a corporalidade dos moradores de rua é preciso compreendê-la na interface desse corpo com o espaço urbano, também a rua não pode ser considerada um mero logradouro (FRANGELLA, 2009).

As moradoras de rua que tive contato comprovam o que a autora cita no momento em que sentem que a condição em que vivem está demonstrada em seu corpo, em sua pele, como algo que basta que alguém as veja para saber sua condição.

Outro ponto que chama atenção é a nudez dos pés das mulheres de rua que tive contato. Como se aquela fosse a marca mais evidente de ser moradora de rua, de sua exposição corporal, e da falta de subsídios materiais que caracterizam sua trajetória. As diferentes formas que os pés se apresentam demonstram a heterogeneidade desta população, deixando claro uma diferenciação entre ter pés limpos e pés sujos e outra entre usar sapatos fechados e usar chinelos ou simplesmente escolherem estar descalça.

Conforme Bassanezi (2004), ao longo do tempo, as mulheres sofreram das mais variadas formas de submissão (ao seu senhor, ao seu pai, ao seu marido e até mesmo à sociedade). Podemos comprovar esta citação nas vivências com as mulheres em situação de rua de Sobral, quando morando nas ruas procuram um parceiro muitas vezes para se sentirem protegidas e para servi-los. Tornando-se assim submissas.

A música da banda brasileira Capital Inicial “Natasha” foi escolhida por uma das participantes do projeto como a música de sua vida, por isso utilizada neste relato de experiência, como referência às mulheres que vivem suas aventuras, belezas e tragédias nas ruas da cidade de Sobral.

A equipe técnica do Centro POP é formada por dois assistentes sociais, dois psicólogos, dois pedagogos e um assessor jurídico, sendo essa equipe a receber a primeira apresentação do projeto de intervenção. A intervenção aconteceu em outubro de 2015, com a participação de 08 mulheres em situação de rua, no Centro POP de Sobral. O reconhecimento das diversas demonstrações de cuidados que as mulheres em situação de rua demonstravam dentro da instituição, foi ressaltado pela equipe, assim como a importância desta para este público que é minoria nas ruas, mas que tem uma



participação expressiva dentro do Centro POP.

Como Nathasha (s), que já deixaram pais e namorados para viver no asfalto, sempre cuidando da beleza e de si, as participantes da intervenção chegaram às primeiras rodas de conversas cheias de expectativas. No momento de apresentação das fotos do projeto “Kamuflados”, ficou explícita a satisfação das mulheres, pois demonstraram se reconhecer naquelas fotos. Entre fotos e sorrisos perguntavam se era possível que elas também ficassem bonitas nas fotos.

Algumas comentavam que era necessário “perder essa cara de moradora de rua”, o que é possível relacionar com Goffman (1993), quando diz que o estigma é usado para referenciar uma característica altamente depreciativa, portanto, é preciso “perder a cara de moradora de rua” para fugir de um estigma que exclui, diminui e enfraquece o indivíduo. Apenas uma usuária, G.M, 30 anos recusou-se a participar da sessão fotográfica, alegando que “nasci essa preta feia e vou morrer assim menina, não há maquiagem que dê jeito!”. Le Breton (2006), afirma que a construção do corpo não é algo natural, mas sim uma construção social modulável de acordo com a vivência de cada ser. Portanto, a importância das manifestações

corporais que dão sentido a simbologia de determinado grupo social.

Considero o momento da sessão de fotos o ápice deste projeto. Maquiar-se, ajudar a colega a passar a sombra e refletir sobre qual batom fica melhor com o tom de pele gerou conversas e muitas risadas. Quando ficaram prontas fizeram poses, diziam como gostariam de ser fotografadas e qual o melhor ângulo para não aparecer algo que lhes incomoda. G.M, que preferiu não participar, observava a tudo e sorria desconfiada.

As fotos foram reveladas e colocadas em porta retratos para que as usuárias pudessem coloca-los na calçada em que dormem com a proposta de não esquecerem a importância que cada uma tem para si mesma. Ao receberem os porta retratos o silêncio tomou conta da sala. Quando convidadas para falar sobre o que estavam sentindo, duas mulheres não conseguiram e choraram, fazendo com que todas da sala se emocionassem. Retomada a discussão era visível a valorização de cada fotografia e os comentários surgiam:

- “Eu sou linda mesmo, nem o crack acabou comigo, tá vendo?”
- “Pensei que não ia prestar, mas fiquei uma gata de revista. Vou mandar essa foto para os meus filhos.”



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

- “Isso foi o que restou de mim, ainda pareço gente.”

Então G.M se aproxima e diz: “Tia, faz uma sessão comigo? Estou arrependida de não ter participado!” É importante ressaltar esta primeira experiência profissional como algo marcante e inesquecível, apesar das limitações que houveram durante a intervenção. Planejar algo com pessoas que transitam livremente é complicado, pois quem está em um ponto da cidade pode não ser mais encontrado ali. Quem frequenta assiduamente o Centro POP, pode ter mudado de cidade a qualquer momento. Esta instabilidade permeou o projeto e fazia com que houvesse um sentimento de insegurança. Ao final, todas as participantes compareceram. Conviver durante 01 ano e meio com mulheres que me ensinaram os diferentes significados de ser mulher foi algo grandioso.

**Conclusão “O mundo vai acabar e ela só quer dançar”:** Considerando a experiência citada, é importante fortalecer e aprimorar as

ações voltadas para o público feminino na instituição, considerando suas particularidades e seus modos de vida. As atividades são generalistas e quase sempre abordam temáticas escolhidas pela equipe técnica do Centro POP, ou seja, sem participação dos usuários.

A autoestima é algo importante a ser tratado, pois influi nas relações dos usuários com a comunidade que ele convive e até mesmo com as drogas, já que eles comentam que quanto mais tristes, mais usam crack. A interferência na família fica explícita quando os moradores de rua deixam de visitar seus familiares por estarem, segundo julgamento deles com uma má aparência.

Portanto, o projeto de intervenção ora apresentado buscou contribuir para o fortalecimento da autoestima com uma vivência leve, com diálogos e reflexões acerca de como enxergo o corpo que habito.